

## ENTRE O LUXO, TRADIÇÃO E INOVAÇÃO – OS TRAJES DE QUADRILHAS DA JUNINA BABAÇU EM ROGAI POR NÓS

*Between luxury, tradition and innovation-the quadrilha costumes of Junina Babaçu in Rogai por nós*

Bessa, Ricardo André Santana; PhD; Universidade de Fortaleza, ricardoandrebessa@gmail.com<sup>1</sup>  
Matos, Francisco Breno Guedes. Mestrando; Universidade Federal do Ceará; breno.guedes01@hotmail.com<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa alguns trajes da quadrilha junina cearense “Junina Babaçu” em 2024, criados pelos figurinistas Breno Guedes, Irê Rocha, Rui Maia, Raphael Moreira, Bruno Oliveira e Joaquim Sotero, com o tema “Rogai por nós”, onde homenageiam a cultura paraense através da festa do Círio de Nazaré.

**Palavras-chave:** Trajes de quadrilhas; Junina Babaçu; festa junina.

**Abstract:** This work analyzes the stylized costumes of the Ceará June square dance “Junina Babaçu” in 2024, created by costume designers Breno Guedes, Irê Rocha, Rui Maia, Raphael Moreira, Bruno Oliveira and Joaquim Sotero, with the theme “Pray for us”, where they pay homage to the culture of Pará through the Círio de Nazaré festival.

**Keywords:** Quadrilha costumes; Junina Babaçu; June festival

### 1.Introdução

Ao analisar os trajes estilizados da quadrilha Junina Babaçu criados pelos figurinistas Breno Guedes, Rui Maia, Raphael Moreira, Bruno Oliveira e Joaquim Sotero, ressaltamos a importância de registrar a produção de figurinos por um grupo quadrilheiro que se destaca pelo luxo. As quadrilhas juninas, assim como os desfiles das escolas de samba no Rio de Janeiro e em São Paulo, são um dos maiores espetáculos brasileiros, mas não apresentados em avenidas ou sambódromos, e sim em espaços diversos em todo território nacional conforme seus vários formatos, em meses que vão de maio a julho, e, em alguns casos específicos, com apresentações até o mês de agosto.

A Junina Babaçu é umas das mais premiadas quadrilhas estilizadas brasileiras, tendo recebido dezenas de prêmios como melhor quadrilha em festivais de Fortaleza, campeonatos estaduais cearenses e interestaduais, consagrando-se também festivais nacionais. Além do destaque em âmbito competitivo, o grupo é conhecido também por suas inovações e construção de seus trajes estilizados nos últimos anos, o fazendo ser uma das mais

---

<sup>1</sup> Doutor no programa em Artes Cênicas -Teoria e Prática do Teatro (USP) , mestre em Moda, Cultura e Arte (SENAC-SP), especialista em Escrita Literária (FFB UNI) e graduado em Estilismo e Moda (UFC). Professor da Universidade de Fortaleza. Atuando em teatro há 33 anos, é diretor, dramaturgo e figurinista. Pesquisador sobre trajes de quadrilhas juninas. Participa do grupo de pesquisa Núcleo de Traje de cena, indumentária e tecnologia da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> É designer de moda, graduado pela UFC. Atualmente, mestrando em Antropologia também pela UFC em parceria com a UNILAB. Suas áreas de pesquisa são em torno da dita cultura popular, sobretudo quadrilha junina - mas também já trabalhou com outras manifestações como o maracatu e reisado. Esporadicamente faz alguns trabalhos com audiovisual, como o longa-metragem "Meus Botões".

celebradas quadrilhas brasileiras. Desde 1989, a Junina Babaçu construiu formas inovadoras de fazer o São João, sem perder a sua essência e a sua forma de ver a cultura popular brasileira.

Vale ressaltar que por mais que o grupo tenha sido criado no final da década de 1980, ele enfrentou uma pausa em suas atividades de 2002 à 2011, quando voltou já com bastante destaque no campo competitivo. Em 2024 a quadrilha trouxe o espetáculo “Rogai por nós”, evidenciando os festejos que envolvem o Círio de Nazaré com a real face do que acontece naquela região, conectando o movimento junino com a forma plural com que o povo paraense lida com suas crenças e credos, deixando de lado as diferenças para exaltar o que torna o povo do Norte e do Nordeste semelhantes: a fé e a nossa pluralidade.

Ao propor o espetáculo "Rogai por Nós", os responsáveis pela criação buscaram apresentar ao São João do Brasil outra face da cultura amazônica por meio das várias representações sociais presentes em um dos maiores festejos populares do Brasil. Para muitos o Círio está relacionado apenas à fé, mas o Círio, conforme retratado no espetáculo da quadrilha Junina Babaçu e em outros meios de informações, é uma festa popular e cultural em que a fé em “Nazinha” (Nossa Senhora de Nazaré) é celebrada de diferentes formas, crenças e pessoas <sup>3</sup>.

Há diferentes vertentes e fatores que podem ser considerados para olharmos para as quadrilhas juninas brasileiras, como a historicidade da manifestação em seus mais de 200 anos em solo brasileiro, as noções de tradicionalidade, atualizações, etc., porém, para esta pesquisa, optamos por seguir os caminhos do vestir e as percepções de modificações físicas e simbólicas que ele pode revelar. Ao pensarmos nos elementos vestíveis de um espetáculo junino, em meio a várias opiniões que - muitas vezes - tendem a divergir, podemos perceber características que refletem o tempo e espaço em que estes trajes estão inseridos, ao mesmo tempo que nos dá possibilidade para pensar na sobre a cultura brasileira em que a quadrilha se faz e a identidade construída pelos grupos - nesse caso a Junina Babaçu - a partir de seus figurinos - aqui os do espetáculo “Rogai por Nós”.

Clifford Geertz (1989), antropólogo norte americano, entende a cultura como uma teia de significados que é construída pelas pessoas ao mesmo tempo que elas vivem nessa própria teia. Já Mário Ribeiro dos Santos relata que o que aproxima os sujeitos “são as semelhanças culturais entre as pessoas de um mesmo grupo, entre uma comunidade”, se refletindo no que chamamos de identidade cultural. Nesse sentido, pensar no campo simbólico que entorna a construção dos trajes do espetáculo da Junina Babaçu, ao mesmo tempo nos traz a reflexão sobre a identidade construída pelo grupo a partir do seu censo estético, mas também sobre os elementos evocados da cultura quadrilheira e brasileira para construção desses.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jr2mwLAYiiU>



Alguns fatores devem ser considerados ao tratarmos das quadrilhas juninas brasileiras e como esses folguedos se modificam nas festas em mais de 200 anos desde que chegaram no Brasil através de seus trajes e seus significados na cultura junina. É importante fazer uma viagem panorâmica no tempo para entendermos melhor como as quadrilhas se tornaram um dos maiores símbolos da cultura brasileira através das festas nordestinas e como seus trajes foram e são um retrato de nosso tempo, mesmo que haja correntes que afirmam que os figurinos perderam suas raízes originais, pois descaracterizaram-se nas últimas décadas, perdendo sua autenticidade, corroborado pelo pensamento de Renato Ortiz, que afirmou que num contexto globalmente alienado, a cultura está inevitavelmente condenada à inautenticidade. Pensar sobre os trajes da quadrilha é refletir sobre cultura, autenticidade e identidade, que são inseparáveis.

Os trajes juninos de quadrilhas tradicionais são sempre simbolizados como simples e os estilizados luxuosos. Para Mário Ribeiro dos Santos o que une as pessoas “são as semelhanças culturais entre as pessoas de um mesmo grupo, entre uma comunidade” e que chamamos de identidade cultural. E com o passar dos tempos, a Junina Babaçu construiu sua identidade no contexto das quadrilhas juninas contemporâneas no Nordeste.

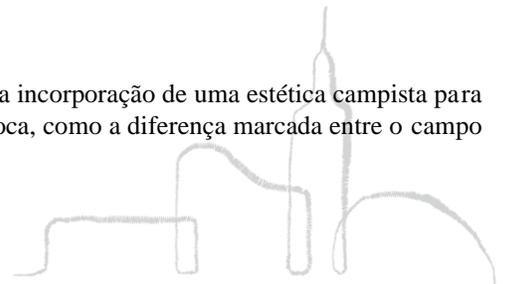
## 2.As quadrilhas juninas contemporâneas

Alguns autores, como Luciana Chianca (2006 e 2007) e Hugo Menezes (2009), refletiram sobre a historicidade da quadrilha junina no Brasil. Esses autores a entendem como uma dança resultante do encontro colonial, que passa por um processo de deslocamento social através de uma noção de classe social, como aponta Matos (2020), chegando ao campo e nas pessoas que ali estavam e seu universo simbólico - cotidiano e incorporado<sup>4</sup>. É nesse contexto que se constitui, nessa linha de pensamento, o modelo tradicional *matuto*. Somente na década de 1970, de acordo com Castro (2012), se iniciam os grandes festivais e nasce, a partir disso, a quadrilha *estilizada*.

Com isso, se tem que o formato da quadrilha junina parte de duas vertentes principais: a tradicional, e a estilizada. Conforme Menezes Neto (2009), a primeira diz respeito a formas de danças voltadas a um contexto tradicionalista cristalizado na representação centralizada no homem do campo, o gênero forró, trajes simples, e a representação de casamento. A segunda, por sua vez, é marcada por uma estética plástica em todos os seus elementos, priorizando um lugar de luxo e o padrão como peças fundamentais. Além da parte estética e visual

---

<sup>4</sup> Esses mesmos autores, Chianca, Menezes e Matos, os três antropólogos, entendem que a incorporação de uma estética campista para a quadrilha junina nasce em um campo político e ressalta alguns problemas sociais da época, como a diferença marcada entre o campo e cidade, atraso e modernidade.



evocada nesses dois modelos, esse olhar para a historicidade social da quadrilha junina compreende uma mensagem central: de um lado a tentativa de manter viva a memória tradicional; do outro, as adaptações da tradição para a realidade vivenciada ou imaginada, trazendo à tona, como coloca Hayeska Barroso (2019), um *habitus* cada vez mais marcado pela hibridação entre os elementos do campo e da cidade.

Outro ponto importante a considerarmos é que a quadrilha contemporânea, marcada pelo campo religioso, nasceu a partir de cultura híbrida entre o sagrado e o profano. De algum modo, a manifestação foi rompendo com a tradição folclórica, construída sobretudo em volta dos do campo simbólico *matuto*, e se colocarmos os trajes a debate dentro da cultura junina, eles sempre provocam discussões sobre descaracterização e tradição. A música, o figurino, os passos, os elementos coreográficos, os personagens e os temas são a rota principal na estrada cultural dos estudos sobre as quadrilhas (Bessa, 2023) e é nesse sentido que o vestir entra em debate.

A chita dos vestidos e camisas masculinas foram abandonados e agora observamos trajes com tecidos nobres como sedas, ou imitação destas em tecidos de poliéster menos caros mas com efeito luxuoso, cobertos de bordados e cristais. Surgiram tendências dentro dos trajes de quadrilhas e estes acompanham a evolução das quadrilhas juninas. Damasceno 2017 contextualizar sobre essas mudanças:

Até a metade dos anos 1980, os figurinos juninos se mostravam de forma mais artesanais, o uso de bordados e rendas eram feitos em casa e exibiam os seus adornos com sinal e tradição do povo e da terra que representavam, o figurino pós-moderno a tecnologia usada foi aperfeiçoada integrando-o assim a imagem cênica. Com a necessidade de cativar os jovens para a perpetuação da essência dessa tradição, muitas das quadrilhas existentes ganharam nova roupagem e assim a cultura foi se modificando para atender essa realidade (DAMASCENO, , 2017, p.26).

A quadrilha Junina Babaçu foi uma das quadrilhas que mais se destacaram, no cenário cearense, ao abandonarem os trajes tradicionais pelos estilizados, passando a ser uma referência no quesito luxo em figurinos.

### 3.A Junina Babaçu

Fundada em 1989, em Fortaleza, Ceará, por um grupo de moradores do bairro Santo Amaro, periferia de Fortaleza (SILVA, 2017), tem como principal objetivo propagar a cultura e as tradições por meio da quadrilha junina. O papel da Junina Babaçu é tornar público a coexistência de diferentes credos e ritos de forma respeitosa sendo ela sagrada ou profana.

Segundo o Portal paraense DOL, a Babaçu busca inovar em suas apresentações, trazendo criatividade, culturas diferentes e muita história. No ano de 2024, o grupo escolheu o tema "Rogai por nós", fazendo uma homenagem ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que faz alusão a maior festa católica do mundo, celebrada

em Belém do Pará. A ideia foi sair um pouco do nordeste e ir até o Pará para conectar essas duas culturas: o São João do nordeste e a cultura do Pará. E os preparativos iniciaram desde o final de 2023 por meio de ensaios, pesquisa e roteiro. O grupo conta com 63 pares, que integram o grupo junino. Além de abordar a festa de Nossa Senhora de Nazaré, por meio de coreografias e canções que retratam o Círio, o Grupo Babaçu também trará para o festival de quadrilha de Fortaleza outras manifestações culturais que fazem parte da manifestação católica do Pará, como o Auto do Círio, o Arraial do Pavulagem, A Festa da Chiquita e outras<sup>5</sup>.

#### 4. Rogai por nós

Fruto de uma longa pesquisa que durou meses, incluindo viagens para Belém, o tema "Rogai por Nós" buscou apresentar ao São João do Brasil uma outra face da cultura paraense por meio de um dos maiores e seculares festejos populares brasileiros. Para muitos o Círio está relacionado apenas à fé, mas o Círio é uma festa popular e cultural em que a fé em "Nazinha" (Nossa Senhora de Nazaré) é celebrada de diferentes formas, crenças e pessoas. Alves (2004) contextualiza:

Dessa forma, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, considerado como a maior procissão religiosa do Brasil, que leva às ruas de Belém, neste século XXI, milhões de pessoas, revela-se, e assim é entendido, como uma das manifestações mais significativas das expressões da Festa brasileira e pela qual se pode fazer uma leitura da sociedade e da cultura (ALVES, 2004, p. 315).

Assim como as quadrilhas juninas foram trazidas pelos portugueses, a festa e o louvor por nossa senhora de Nazaré têm origem na imigração portuguesa no norte do Brasil, tornando-se um marco no quesito grandes procissões no Brasil. Toda a grandiosidade do Círio de Nazaré despertou o interesse da Junina Babaçu pelo tema.

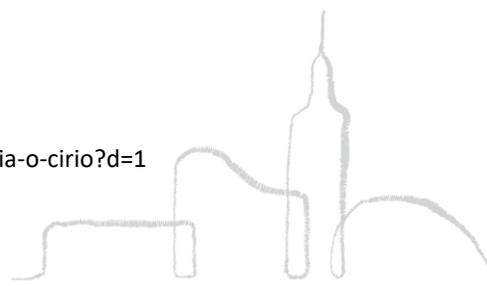
#### 5. Os trajes de quadrilhas em Rogai por Nós

Ao estudarmos os trajes de quadrilhas podemos refletir sobre como a arte transporta elementos como beleza e imitação à cultura junina, que são um reflexo da cultura produzida nas quadrilhas nas últimas décadas. Os trajes transformaram-se em vestuário de luxo.

Nas quadrilhas os corpos dos brincantes vestidos ganham vida e seduz a plateia com seus volumes e brilhos através da coreografia. Viana (2017) ao investigar a relação do traje de cena como objeto do espetáculo contextualiza:

---

<sup>5</sup> <https://dol.com.br/noticias/brasil/863797/video-quadrilha-junina-do-ceara-homenageia-o-cirio?d=1>



A relação do traje de cena não se dá diretamente apenas com o corpo do performer ou gerando uma relação entre performer e objeto. A relação é muito mais ampla pois envolve os outros artistas de cena. Essa relação se complementa com o trabalho de diversos outros profissionais que compõem a cena e cujo trabalho afeta o traje (VIANA, 2017, p.135).

Sabemos que numa apresentação de quadrilhas o espetáculo é conduzido com a colaboração de uma série de técnicos que participam ativamente na evolução da coreografia, principalmente nas trocas de roupas dos destaques, observando-se uma mudança das roupas tradicionais para os trajes estilizados que ainda causa discussão. Há um debate sempre recorrente no meio junino entre saudosistas, fieis às tradições, e inovadores, que trouxeram modificações consideráveis nas quadrilhas, nas últimas décadas, nos festivais competitivos, principalmente em relação aos trajes juninos. Câmara Cascudo (1972) já trazia essa discussão ao definir quadrilha e suas transformações no século XX.

Os trajes em “Rogai por nós” foram desenvolvidos por uma equipe de figurinos onde destacou-se o trabalho Joaquim Sotero que criou a indumentária dos brincantes, de Rui Maia e Raphael Moreira, responsáveis pelos trajes da rainha e do casal de noivos, de Breno Guedes, que criou trajes para as cenas do casamento, e Bruno Oliveira, criador do traje da serpente usado pela Rainha.

### 5.1 Figurinos da Rainha

Nas quadrilhas, a apresentação da rainha é um dos momentos mais aguardados. Ela seduz a plateia com seus trajes (podem ser vários) e rodopios. Em 2024, brilhou nas apresentações da Junina Babaçu a rainha Nádia Rodrigues, caracterizada com 3 figurinos diferentes, vistos no painel da rainha (Figura 01).

Figura 01: Painel da Rainha



Fonte: Instagram <https://www.instagram.com/nadiaarodri/> (2024)

O primeiro traje de Nádia representa a Boiuna, uma cobra gigante que atrai pessoas para comê-las com seus olhos brilhantes. Essa cobra, segundo a lenda, vive adormecida embaixo da cidade de Belém do Pará. Este figurino, usado somente no momento de abertura do espetáculo, foi criado por Bruno Oliveira, figurinista conhecido pelas roupas de destaques e rainhas do carnaval carioca e paulista. Os trajes da Boiuna consistem em um macacão segunda pele, bordado furta cor verde-azul escuro e uma cabeça da serpente, todo bordado de paetês e cristais. Talvez esse seja o mais impactante dos figurinos usados pela rainha da quadrilha, pois ele rompe com a tradicionalidade do formato, ao mesmo tempo que aproxima o São João do Carnaval - o que gerou algumas discussões no movimento junino cearense.

O segundo traje foi criado por um grupo de pessoas, mas com interferência direta de Tácio Monteiro (principalmente no que diz respeito a cores e bordados), presidente do grupo. A ideia de concepção do figurino, usado durante o decorrer do espetáculo, foi trazer elementos que remetessem ao universo simbólico do Círio de Nazaré e de Belém do Pará, misturando com elementos juninos. Como a proposta da quadrilha era trazer um Círio diverso, o traje da rainha nesse momento vem bastante colorido, a saia, inclusive, remetendo à bandeira da diversidade - arco-íris. A silhueta está bastante fincada na roupa junina estabelecida no estado - saia volumosa, corpo mais justo, arranjo de cabeça e sapato com salto médio/baixo. São nos detalhes que o Pará e o Círio são evocados. Os bordados do corpo remetem a um vitral; nas mangas longas elementos de grafismo indígena; no corset havia fitinhas amarradas, que remetiam às fitas de lembrança religiosa; a saia com pétalas que remetem à planta vitória-régia, dentre outras representações.

O terceiro traje da rainha foi chamado de “Corda”, foi usado no momento de sua performance como rainha, já no final do espetáculo. Com ele, na narrativa do espetáculo, a rainha representa a corda que é a força dos fieis no Círio de Nazaré. O vestido, de mangas compridas em tom amarelo-dourado, foi importado do Piauí, executado pela artesã Lorryne Oliveira, designer de macramê. A rainha usava também uma peruca loira acoplada a uma balaclava bordada de pedrarias e paetês. De forma geral, a artista que ocupava esse local na quadrilha precisou dividir seu tempo de performance entre a dança propriamente dita e três trocas completas de roupas; todas elas repleta de pedrarias e muito luxo.

## 5.2 Figurinos dos Noivos

Os figurinos denominados “Fé”, dos noivos brincantes Alessandro Mesquita e Bárbara Rodrigues foram desenvolvidos pelos figurinistas Rui Maia e Raphael Moreira, com colaboração de Thaffa Bennett (Costura)



Camisaria Nordestina (Costura) e bordados de Mara Lemos e Rui Maia, Yandra Couto Aysu (Chapéu do noivo), Déborah Furtado (Arranjo de cabeça) e Raphael Moreira (Arranjo de cabeça).

Os noivos iniciam a encenação do casamento vestindo roupas simples. O noivo veste calça comprida e camisa de mangas compridas enroladas no braço, ambas brancas. A noiva usa saia longa, rodada, e blusa decote cigana, ambas também brancas. Os dois trazem em seus trajes as representações do Belém do Pará idealizadas pelos criadores e desenvolvedores do espetáculo.

Os segundos trajes seguem o padrão estabelecido para a quadrilha em sua unidade: vestidos e composição masculina que remetem ao São João, mas que estão embebidos no universo simbólico do Círio de Nazaré e do próprio Belém do Pará. O noivo usava calça, colete e paletó em tonalidades de cor-de-rosa, e a noiva um traje muito parecido com o segundo da rainha, porém em tons de verde. A ideia do figurino era trazer os noivos para o cotidiano do espetáculo antes de se casarem, colocando-os de branco somente após o casamento encenado. Porém, ao longo das apresentações essa troca de roupa foi deixada de lado e os donos da festa mantinham durante a parte “cotidiana” do espetáculo, a mesma roupa do casamento, porém a noiva usava uma saia mais curta e volumosa.

Os terceiros trajes foram feitos de cetim branco com aplicações de renda recortada e rebordada com passamanarias, cristais, paetês e *strass*, complementados com sapatos brancos para ambos e uso de meia calça branca para a noiva, que trajou um vestido de mangas compridas e saias na altura do joelho com dezenas de metros de filó.

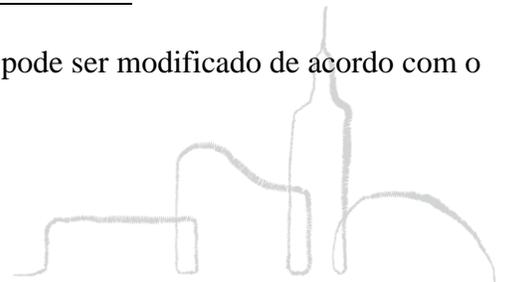
O traje de festa da noiva era composto de corpete-blusa com mangas compridas com decote quadrado, saia e anágua de filó e o noivo vestia terno completo, colete e gravata vermelha (simbolizando a paixão). Detalhes dos trajes podem ser vistos na Figura 02 (Painel dos noivos).

Figura 02: Painel dos noivos



Fonte: <https://www.instagram.com/juninababacu/> e <https://www.instagram.com/ruimaia.designer/> e <https://www.instagram.com/conexaojuninaoficial/>

Como destaques, noivos tradicionalmente vestem branco, mas isso pode ser modificado de acordo com o tema da quadrilha.



### 5.3 Figurinos do marcador

Os figurinos do marcador Júlio César Costa foram criados por ele mesmo com confecção do chapéu por Irê Rocha e costuras de Davi Alenquer. No painel do marcador (Figura 03) observamos os trajés de Júlio representando um guia turístico de Belém, ora trajado com uma camisa marrom de mangas compridas, calça comprida cor amarelo mostarda (Com fotos/postais costurados na lateral) e colete com recortes retangulares coloridos estilo *patchwork*, ora colete de muitas fitinhas de Nossa Senhora de Nazaré coloridas, com aplicação de corda em alusão à corda do círio, uma imagem de nossa senhora de Nazaré nas costas e chapéu com fitas mais largas.

O marcador calçava sandálias de couro. Em outro momento não visto no painel, o marcador usa calça e camisa de malha mangas curtas com a imagem de nossa senhora frontalmente.

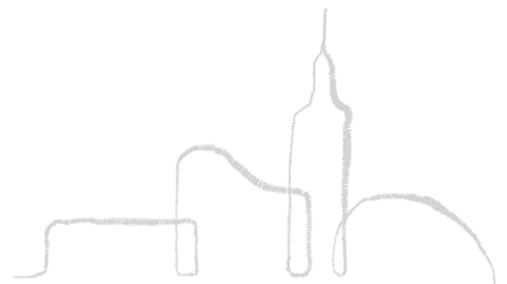
Figura 03: Painel do Marcador



Fonte: <https://www.instagram.com/julitoss/>

Destaca-se também a homenagem à Eloi Iglesias, no traje macacão com esplendor, em vermelho, ricamente bordado em pedrarias assim como o adereço de cabeça, adicionado de uma capa de renda/filó. Personagem ícone da cultura cearense, Iglesias é o criador do baile da Chiquita, uma festa gay e trans que celebra a cultura paraense, e que é homenageada na apresentação da Junina Babaçu.

### 5.4 Figurinos dos brincantes



Desenvolvido por Joaquim Sotero em conjunto com a diretoria da Junina Babaçu, esse é um figurino que representa a essência do povo paraense. A sua origem, suas crenças, sua vegetação e suas cores <sup>6</sup>. Os trajes podem ser vistos na Figura 04 (Painel dos brincantes), iniciando pelos croquis.

Figura 04: Painel dos brincantes.

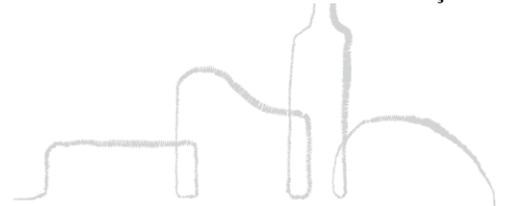


Fonte: <https://www.instagram.com/joaquimsotero/>

Em depoimento na página da rede Instagram, Sotero detalha como desenvolveu seu trabalho e a importância do trabalho coletivo:

“Sempre acho um desafio, principalmente por não está in loco, mas sei que ali existe uma COLETIVIDADE e uma equipe dos melhores profissionais para tirar do papel aquele seu projeto pensado, em especial @antonylima13, o cara é fera. Quando Tácio, no final de novembro de 2023, veio conversar e falou das propostas e elementos da narrativa, fui na busca da pesquisa de imagens, pois conheci Belém do Pará no final de 2018, isso ajudou muito, lá tudo se respirar Nossa senhora de Nazaré. E desde o começo do processo no final de novembro nas palavras do Tácio: Quero a junina Babaçu colorida, cada brincante, dançarino com sua cor e assim foi pensado! Apresentado a Diretoria, então mãos à obra! A diretoria da Junina Babaçu é

<sup>6</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C7-zzm0uT00/?img\\_index=5](https://www.instagram.com/p/C7-zzm0uT00/?img_index=5). Acesso em 11 agosto 2024.



incansável e foi fazendo, vendo e revendo que seria bom pro resultado final, que é magnífico! Enfim, para a idealização do figurino usamos o macramê para representar a corda que o fiel carrega puxando a berlinda, as fitas coloridas em devoção a santa, a arte marajoara, encravada na cultura paraense, os vitrais e seus brilhos e reflexos e os bordados dourados e adornos das igrejas”<sup>7</sup> (Joaquim Sotero em depoimento em sua rede Instagram).

Os trabalhos de macramê nos trajes são de autoria de Beethoven Cavalcanti, bordados de Renata Costa, Senhor Paulo (Bordados Barra Mansa) e arranjos de cabeça de Bruno Anselmo.

### 5.5 Figurinos do Casal de Destaque da Quadrilha

Uma inovação apresentada pela Junina Babaçu foi um casal (Flávia Xavier e Erivan Almeida) denominado Casal Destaque da Quadrilha, que faz uma apresentação exaltando o estado do Pará e as cores branco e vermelho de sua bandeira em seus trajes, vistos no painel do casal destaque (Figura 05).

Figura 05: Painel Casal Destaque



Fonte: [https://www.instagram.com/ire\\_rochas/](https://www.instagram.com/ire_rochas/)

A criação dos trajes do Casal Destaque coube ao figurinista Irê Rocha, aclamado figurinista e parceiro de muitos anos da Junina Babaçu.

### 5.6 Trajes de abertura

Na entrada da quadrilha, o primeiro momento do espetáculo, é retratado o auto do Círio<sup>8</sup>. Dentro da estória performada no espetáculo “Rogai por Nós”, o grupo decidiu retratar elementos simbólicos da cultura paraense

<sup>7</sup>Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C8QGgWHuOPR/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C8QGgWHuOPR/?img_index=1) . Acesso em 08 Set. 2024.

<sup>8</sup> Conforme o site do Instituto de Ciência da Arte da Universidade Federal do Pará (2023) o Auto do Círio foi realizado pela primeira vez em 1993, pelas professoras Zélia Amador de Deus e Margareth Refkalefsk. o momento busca homenagear, por meio da arte, as populações Amazônidas, chamando a atenção para as questões sociais, econômicas, políticas, ambientais e culturais da região e potencializando as expressões culturais do Pará. Isso, por meio da participação de artistas, professores, mestres e da própria comunidade

percebidos em uma viagem de pesquisa feita pelos desenvolvedores do espetáculo: indígenas, carimbó, pavulagem, dama do lírio, vitória régia, ribeirinhos pescadores, damas da diversidade e erveiras. Todos esses personagens foram divididos em pequenos grupos de brincantes que os davam vida. Como temos pouco espaço para debater sobre os trajes, escolhemos o último, erveiras, para retratar aqui (painel do traje da personagem erveira da abertura).

Figura 06: Painel do traje da personagem erveira da abertura.



Fonte: <https://www.instagram.com/obrenoguedes/>

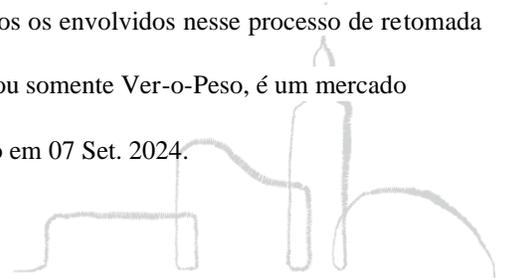
Um dos 8 trajes de abertura da abertura foi criado por Breno Guedes (um dos autores que os escreve), à convite de Tácio Monteiro, presidente da Junina Babaçu. O convite se deu no contexto em que o designer se encontrava presente nas atividades da quadrilha para construir sua pesquisa de dissertação de mestrado. As erveiras seria um grupo composto por 10 damas que representariam as vendedoras de colônias de cheiros e ervas do Ver-o-peso<sup>9</sup>. O convite foi realizado com alguns direcionamentos e referências. A partir disso foi feita a construção do traje, como detalhado por Guedes em seu perfil na rede Instagram:

O verde foi uma exigência do grupo, mas o design, a juta e os elementos estéticos colocados foram pensadas no contexto em que esse figurino seria usado. Eu tive a missão de retratar as erveiras paraenses (muitas cores, alegria e simplicidade). Fiquei horas pesquisando elementos do universo em que elas estão. Até que cheguei a essa silhueta, as aplicações de plantas, potinhos remetesse aos banhos de cheiro, colares que lembrassem sementes. O figurino foi ganhando vida no papel e tive que decidir qual tecido usar na saia. A primeira coisa que pensei é que teria que usar um tecido natural e logo lembrei das minhas aulas da faculdade e da juta, que é um tecido feito de raízes - fazia muito sentido usá-lo nesse figurino! Eu fiquei tão empolgado que em menos de 24 horas mandei o primeiro croqui para equipe da quadrilha, e com algumas ressalvas foi aceito. Aí começou a produção (Em depoimento em sua rede Instagram)<sup>10</sup>

que prestigia o cortejo, permitindo um maior enraizamento cultural e participação de todos os envolvidos nesse processo de retomada de tradições.

<sup>9</sup> O Mercado Ver-o-Peso ou Mercado Municipal Bolonha de Peixe ou Mercado de Ferro ou somente Ver-o-Peso, é um mercado público, feira-livre, situado em Belém do Pará.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C8AOA\\_uPOTV/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C8AOA_uPOTV/?img_index=1). Acesso em 07 Set. 2024.



A criação dos figurinos anda junto com as necessidades do espetáculo; além de estar esteticamente dentro do que foi planejado para o momento, ele precisa se adequar também à realidade de quem está o utilizando. Nesse sentido, o traje foi desenvolvido para facilitar ao máximo a troca de roupas - um dos momentos mais críticos que envolve os figurinos já na performance, pois se a brincante não conseguir trocar, ela atrasa o espetáculo, o colocando em risco em termos competitivo, e corre risco de não entrar para dançar as partes seguintes.

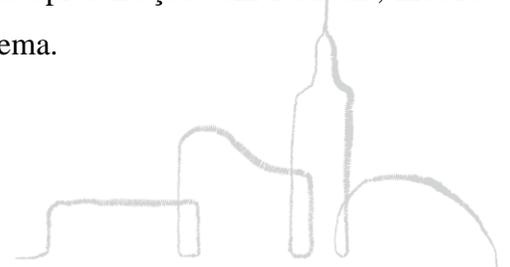
Como forma de adaptar a criação do figurino a essa realidade, o designer, por mais que o traje aparente ser composto por elementos separados - colar de sementes, blusa verde de algodão, saia de juta com aplicação de macramê e elementos cênicos (garrafinhas e ervas) -, ele foi construído de forma conjunta. Tudo estava interligado: o colar preso na blusa, assim como as mangas; a blusa estava presa em uma pala larga marrom, que conectava à saia. Para facilitar a troca, na blusa havia um zíper removível, que trazia maior facilidade para a troca. Outro ponto a se destacar é a própria modelagem. De aparência básica - saia godê e blusa cigana - ela foi pensada para vestir da melhor forma possível os diferentes corpos que os usariam. Por fim, outro elemento essencial para a criação deste figurino foi a questão monetária, pois seria um traje de entrada que logo seria trocado. Além disso, as brincantes que usariam tinham que lidar com muitos outros gastos dentro do espetáculo.

## 5. Considerações finais

Este trabalho procurou fazer um recorte de alguns trajes mostrados pela quadrilha Junina Babaçu em 2024, ano em que o tema apresentado “Rogai por nós” homenageava o Círio de Nazaré em Belém e a cultura paraense. Os trajes da Babaçu destacam-se pela riqueza de detalhes, materiais e coerência com o tema.

A Junina Babaçu tornou-se uma das maiores quadrilhas juninas do Ceará. Suas performances causam grande expectativa, atraindo sempre uma multidão que lota ginásios e quadras de escolas onde realizam-se os festivais que participa. Seus trajes são um dos elementos mais apreciados em suas apresentações marcados pelo luxo de seus materiais e perfeita confecção, seguindo as tradições e trazendo inovações.

A construção dos trajes da Junina Babaçu exige uma pesquisa ampla pois suas exibições são espetaculares e fruto de um grande trabalho de equipe. Em 2024 tivemos muitos figurinistas nas apresentações com o tema “Rogai por nós”. Alguns desses figurinistas se desdobraram, seja em visita à Belém do Pará, seja em estudos aprofundados sobre a cultura paraense, seja em busca de materiais que contribuíssem para que a quadrilha seguisse no seu padrão de qualidade. Os figurinos apresentados neste artigo representam apenas uma pequena parte dos trajes da Junina Babaçu, que, em 30 minutos, tempo médio das apresentações em festivais, mostra centenas de trajes através dos brincantes que contam, cantam e dançam o tema.

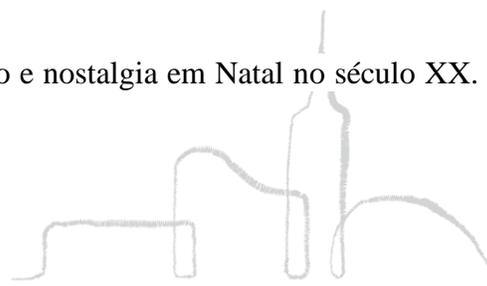


Sabe-se que é feito um grande investimento na criação e confecção dos trajes. Participar da Junina Babaçu é sinônimo de orgulho e alegria, resultando no investimento de milhares de reais para os brincantes. Todo o trabalho desenvolvido pelos figurinistas é fruto do comprometimento com a própria quadrilha, que se tornou sinônimo de luxo e beleza de seus figurinos.

Olhar para os figurinos do grupo permite-nos também pensar sobre as representações simbólicas que permeiam tanto o ambiente da quadrilha junina, quanto o ambiente das percepções da cultura paraense, além de nos permitir refletir sobre o movimento cultural em torno da quadrilha junina. A própria noção de temas, que guiam os espetáculos, está perpassada por um movimento de troca cultural: digamos que o “Rogai por Nós” é fruto da mistura da cultura cearense com a cultura paraense. Ali se sobressai a forma que os cearenses criadores do espetáculo, mesmo que com pesquisas aprofundadas, observam as dinâmicas culturais paraenses. Ao mesmo ponto essa interpretação sofre adaptações para se transformar em um produto competitivo para o movimento junino, que como aponta Matos (2020) molda e é moldado pelas quadrilhas. Tudo isso se desdobra na experiência dos brincantes, que precisam arcar com as demandas da produção, e dos diversos públicos, que aguardam ansiosamente para assisti-los. Os figurinos talvez sejam os elementos mais afetados em todo esse processo, ele costura toda essa experiência: eles precisam ser embasados, criados, pagos, preparados, apresentados e contemplados/julgados.

## 7. Referências

- ALVES, Isidoro. **A festiva devoção no Círio de Nossa Senhora de Nazaré**. Estudos avançados, v. 19, p. 315-332, 2005.
- BARROSO, Hayesca Costa. "**Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com Sinhá**": a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos. 2019. 169f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza, 2019.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: INL, 1972.
- CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Global, 2006.
- CASTRO, Janio Roque Barros de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A Festa do interior**. São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. Rio Grande do Norte. EDUFRN, 2006.



CHIANCA, Luciana de Oliveira. **Quando o campo está na cidade:** migração, identidade e festa. In: Sociedade e cultura. Goiânia: UFC.v.1, p. 45-59, jan./jun. 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1989.

MATOS, Francisco Breno Guedes. **A influência da moda na constituição e construção da quadrilha junina moderna** – Análise do espetáculo da quadrilha Ceará Junino no ano 2019. 2020. 172 f. Monografia (Graduação em Design-Moda) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital:** quadrilha e tradição no São João do Recife. Recife: ed. do Autor, 2009.

SILVA, Juliana Hermenegildo da. **Quadrilha Junina Babaçu: processos folkcomunicacionais, identidade e representações culturais.** 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.

BESSA, Ricardo André Santana. **Os trajes de quadrilhas juninas-Das sedas e veludos às chitas e cristais.** 2023. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VIANA, Fausto. **O traje de cena como documento.** Sala Preta, v. 7, n. 2, p. 130-150, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v17i2p130-150>. Acesso em: 08 set. 2024.

